

A competição pelo capital externo

por **Maria Christina Carvalho**
de Londres

O banco de investimento S.G. Warburg está prevendo grande movimento de empresas brasileiras em direção ao mercado internacional para obter recursos para seus planos de expansão nos próximos anos. "O último ciclo de desenvolvimento no Brasil feito com base em dívidas. Agora é preciso crescer com capital de risco", disse Anthony H. Daniell, diretor do banco. Mas Daniell alertou que há no momento feroz competição pelo capital internacional que não bastará oferecer preços baixos. "As empresas do Leste europeu estão com preços imbatíveis. Há empresas russas que custam um quinto do que valeriam se estivessem na Europa Ocidental.

As empresas da América Latina, complementou, terão que competir pela qualidade. "Somente as empresas de primeira classe vão se sair bem." As que têm uma história de resultados sólidos. O S. G. Warburg tem grande interesse em participar de operações de lançamento de ações de empresas dos mercados emergentes. Em julho passado, foi o co-líder internacional da oferta secundária de US\$ 96 milhões de ações preferenciais da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Em maio de 1992, foi o co-manager da "tranche" internacional da oferta primária feita pela Aracruz Celulose, que captou no total US\$ 270 milhões.

Sua atuação para empresas de outros mercados emergentes tem sido até maior. Somente neste ano trabalhou na emissão primária de US\$ 108 milhões do banco mexicano Banpais, de US\$ 56 milhões do grupo lusacell, foi um

dos coordenadores globais da oferta de US\$ 432 milhões do grupo Tribasa e foi co-líder na venda de debêntures conversíveis, no valor de US\$ 435 milhões do grupo ICA.

Na Argentina, também neste ano, foi co-líder da oferta internacional de US\$ 200 milhões da Buenos Aires Embotelladora (Baesa), grande engarrafadora da Pepsi-Cola da América Latina.

Daniell afirma que a força do S.G. Warburg na colocação de títulos no mercado internacional reside em sua capacidade de vendas no mundo todo, para os grandes investidores institucionais, através dos quarenta escritórios que possui em 23 países. A rede foi montada em pouco tempo, pois o grupo surgiu apenas em 1986, após o chamado "Big Bang" do mercado de ações londrino, quando quatro corretoras e bancos de investimento resolveram juntar suas forças. Ao poder de fogo de vendas, Daniell soma como vantagem a estrutura de análise corporativa que permite ao banco conhecer em profundidade as empresas. Essa é uma das tarefas do escritório localizado em São Paulo, com uma equipe de quatro pessoas, comandada pelo experiente Nicholas Reade. O banco ainda possui na unidade de Nova York uma equipe de quinze analistas voltada para a América Latina, com uma estrutura muito particular. Alguns cobrem determinados países, como ocorre na maioria dos bancos de investimento e administradoras de recursos de terceiros. Outros, porém, são especializados em setores da economia da região. Há, por exemplo, o especialista

(Continua na página 4)